“Não sei o que possa parecer aos olhos do mundo, mas aos meus pareço apenas ter sido como um menino brincando à beira-mar, divertindo-me com o fato de encontrar de vez em quando um seixo mais liso ou uma concha mais bonita que o normal, enquanto o grande oceano da verdade permanece completamente por descobrir à minha frente”.

Isaac Newton

V.I.N.C.I. 238
Por Ronald Rahal

Revisão por Miguel Carqueija

Conteúdo

Isaac Newton..... 1
1 – O EXPERIMENTO..... 4
2 – LANÇAMENTO PREMATURO. 13
3 – PRÓXIMOS DA TERRA? 50
4 – A REUNIÃO. 63
5 – OUTRA TERRA? 72
6 – A ALDEIA. 81
7 – SOBRE TUNGUSKA. 97
8 – RUMO A FLORENÇA. 111

9 – DADOS CONFLITANTES. 129
10 – FLORENÇA? 133
11 – LANGLEY. 143
12 – UMA NOVA TENTATIVA. 154
13 - A ENTREGA. 161
14 – A ESPERA. 168
16 - O ENCONTRO. 180
17 - A CAPTURA. 193
18 – DIANTE DA TRINDADE. 204
19 - O CONFRONTO. 221
20 – UM SINAL. 236
22 - O LONGO REGRESSO. 262
23 – UMA LIGAÇÃO PRESIDENCIAL. 278
25 – PLANO EM EXECUÇÃO. 327
EPÍLOGO. 342

1 – O EXPERIMENTO.

Transcorria o ano de 2087. Numa altitude de 60.000 km acima da superfície da Terra, num ponto fixo sobre Houston, uma estrutura composta por duas hastes cruzadas, parecia minúscula diante da vasta massa planetária azulada abaixo. Em cada ponta das hastes, inclinadas num delicado ângulo de quinze graus, fixava-se um prato concâvo semelhante a uma antena parabólica. No centro, onde os feixes se entrelaçavam, assentava-se um enorme cilindro contendo um dos primeiros geradores de antimatéria. Em torno dele, um pequeno anel servia de apoio a outras hastes que se vergavam para frente até se encontrarem num outro anel mais à frente. Na ponta deste posicionava-se uma nave. Pequena para os padrões da estrutura onde estava encaixada, mas poderosa o suficiente para suportar as condições extremas do primeiro buraco-de-minhoca criado pelo homem. E este poder repousava nos seus próprios quatro pratos pulsores, que acompanhavam em escala menor o mesmo desenho da estrutura circundante. Quem atentasse para a disposição das hastes, logo perceberia que o conjunto todo aparentava a quase forma de um triângulo isóscele.

À frente da nave, obstruindo por precaução a passagem do anel dianteiro, estavam dispostas espessas chapas no formato de um triângulo equilátero cada uma, que se abririam como pétalas de uma gigantesca flor, quando as condições ideais de lançamento fossem alcançadas. Para controlar as tremendas forças que poderiam desestabilizar o complexo e até modificar sua órbita, os engenheiros haviam instalado não só os potentes retromotores como também alguns menores ao longo da estrutura para

contrabalançar os quatro grandes pratos pulsores fixados nas hastes.

Aquela construção pouco elegante parecia insignificante comparada à silhueta da Terra, salpicada por miríades de faixas brancas, borrões cinzentos de tempestades e da imagem familiar de um novo furacão que se aproximava da península da Flórida. Mas essa impressão era ilusória em vista do que a pequena nave, presa entre as hastes, poderia fazer. E aquela sensação da peculiar doca espacial acompanhar o movimento da cidade de Houston, como se um fio invisível ligasse os dois pontos devia-se na verdade ao fato dos dois referenciais deslocaram-se à mesma velocidade de rotação do planeta. Nesta órbita geoestacionária, seu albedo ora aumentava, ora diminuia, conforme sua superfície exposta ao Sol oscilava devido aos pequenos puxões gravitacionais decorrentes da massa terrestre.

Apesar do farto material divulgado pela mídia, muita coisa fora escondida do público. Poucos tinham uma noção da real natureza do estranho objeto flutuando acima de suas cabeças e os que sabiam, ainda não tinham uma ideia exata da força que tal estrutura poderia desencadear. Estes poucos privilegiados, no entanto, tinham conhecimento de que estavam sendo testemunhas de uma nova forma de locomoção que há cem anos, não passaria de pura ficção-científica. Seus idealizadores, limitados pelas simulações de laboratórios em terra, agora experimentariam na prática, esta nova forma de transporte. Ele não mais cruzaria o espaço de um ponto a outro, mas sim, através de uma fenda que os interligaria em questão de segundos. Muitas dúvidas ainda assaltavam os engenheiros, o que os levara por cautela, a construí-las no limite máximo das órbitas dos satélites geocincrônicos. E afastada também dos grandes espelhos em

construção, a única obra de engenharia espacial internacional que amenizaria os efeitos do aquecimento global.

Quarenta anos tinham sido necessários para programar aquele projeto, que custara muito dinheiro à Força Aérea e por tabela aos contribuintes. O governo decidira colocar a NASA à frente, como administradora de uma experiência científica, evitando com isso críticas de várias potências como a China e a India, muito sensíveis ao uso do espaço para fins militares, mas que apoiavam hipocritamente a construção dos grandes espelhos refletores, sem deles participarem materialmente. Se não tinham feito condenações públicas enfáticas, secretamente os resultados lhe interessavam em proveito de seus próprios interesses, como era comum no convívio ambiguo entre os Estados.

A necessidade de novas formas de locomoção que um dia permitissem as viagens interestelares era resultado direto dos conflitos provocados pela situação global, onde os recursos da Terra tornavam-se cada dia mais escassos. Se um novo mundo fosse descoberto, que mitigasse tais efeitos o problema poderia ser empurrado para o futuro, como havia ocorrido até então com todos os governos. Sob a bandeira de uma expedição científica, isenta da rapina destas mesmas potências, abria-se uma nesga de esperança para os idealistas que pretendiam salvar um planeta tão combalido.

O tratado espacial de 2049 proibira o uso do espaço para fins bélicos. Somente empreendimentos "científicos" poderiam ser realizados naquele grande oceano que se estendia das camadas mais altas da atmosfera até as bordas do próprio tempo. Mas sempre havia um jeito de se "burlar" as leis, camuflando-se o real propósito dos experimentos, quando se fazia necessário. Assim se

comportavam as agências russas, chinesas, japonesas e européias, quando lhes interessava. Apesar de uma única Terra, a humanidade mesmo avançando pelo espaço ainda não rompera o cordão umbilical que a ligava ao passado dos Estados dominadores de vastas extensões de sua circunferência.

O protótipo que participaria do experimento, não era muito grande, não pelos padrões daquela época. Mesmo assim, pelas óbvias razões de custo, fora dotado do essencial, eliminando por completo quaisquer instalações para seres humanos, que não comandariam a nave diretamente. Três unidades, denominadas V.I.N.C.I., Verber Interactive for Navigation Cosmonautic Individual, cumpririam este papel, avaliando e registrando com seus sensores sofisticados, toda a informação que pudessem captar. Era algo novo a ser tentado em termos de navegação espacial que minimizaria os riscos de perdas de vida, devido aos perigos potenciais que ainda rondavam o projeto.

Tais unidades de sensoriamento remoto constituíam em 2067, o ápice da robótica. Utilizados cada vez mais desde 2040, eram a resposta adequada para lidar com novas tecnologias e um grande número de informações, provenientes de componentes cada vez mais sofisticados, difíceis de serem avaliados com rapidez suficiente pelos sentidos humanos.

As unidades VINCI posicionadas no interior da nave comportavam-se como uma tradicional tripulação, mas tal conceito limitava-se somente ao nome. Não necessitavam de ar para respirar e nem precisavam de alimentos. Mas por razões ainda não totalmente compreendidas, eram dotadas de uma aparência externa humana, com todas as particularidades que reforçavam este aspecto.

Possuidoras de autoconsciência tratavam-se entre si como iguais, respeitando as particularidades das quais haviam sido dotadas, como as patentes militares, ou experiências acumuladas em diversas funções desde que haviam sido ativadas no complexo das fábricas VERBER ROBOT SISTEMS, sediadas no território americano. Desta forma, incorporados às fileiras da força área americana, VINCI 134 e VINCI 238, estavam subordinados a VINCI 087, tecnicamente o comandante da missão.

A "missão" em si consistia em testar um novo "pulsor" composto por quatro pratos que "colapsaria" o espaço à frente da nave através de um bombardeio contínuo de "wimps". Uma vez aberta a fenda, o protótipo penetraria no túnel onde as condições, no primeiro momento, seriam impróprias para o corpo humano. Tais dificuldades só poderiam ser sobrepujadas após o acúmulo das experiências "práticas" que se iniciariam a partir deste primeiro lançamento.

Em termos prosáicos o efeito desejado da experiência, seria o de "encurtar" a rota entre dois pontos espaciais propostos. Esta inovação exigira uma nova matemática e geometria para poder penetrar-singrar-e-deixar uma dimensão onde os conceitos tradicionais de rota adaptada aos sentidos humanos não mais existiam.

Para que tal "navegação" pudesse ocorrer, dois equipamentos aperfeiçoados em laboratório seriam pela primeira vez empregada no espaço. O primeiro utilizaria particulas exóticas denominadas wimps (Weakly Interacting Massive Particles) que seriam projetadas a partir de um fluxo contínuo, dos quatro grandes pulsores, "afundando" o espaço num primeiro

momento. Depois, os dois pulsores laterais da nave dariam prosseguimento ao processo, impedindo-o de "fechar-se" tanto em torno como à frente da nave. O segundo equipamento e mais sensível, constituía-se nos primeiros geradores de antimatéria a serem levados para o espaço. Um deles instalado no cilindro, onde as hastes se cruzavam, supriria a energia necessária para que os equipamentos, compostos de quatro pratos, produzissem os feixes de partículas exóticas que abririam o túnel espacial projetado. O outro, instalado na nave protótipo, supriria todas as necessidades dos propulsores traseiros e da produção de wimps que seriam arremessados numa onde de choque constante para manter o túnel aberto, assim que os pulsores principais perdessem o raio de ação.

O objetivo inicial de teste era o de atingir o planeta Marte utilizando esta rota alternativa, ao invés da tradicional, elíptica, que acompanhava o movimento de translação dos dois planetas numa demora de mais de seis meses. Satélites em órbita de Marte, apesar do tempo gasto no envio de imagens para a Terra de vinte e dois minutos, registrariam todas as informações do "momentum" do reaparecimento da nave. Esperava-se em teoria que houvesse quase uma simultaniedade do percurso entre os dois planetas.

Tanto os pulsores de wimps como os propulsores de antimatéria eram frutos dos fantásticos avanços obtidos no entendimento da matéria, realizados no século XXI no Grande Colisor de Hádrons do CERN. Essas partículas fugidias, descoberta em 2029 por Gerard Stone, possuiam pouca massa, interagindo sutilmente em termos gravitacionais com outras particulas, constituindo a enigmática matéria escura proposta pela teoria padrão do século anterior. Seu tamanho próximo à

dos quarks impediram-na de ser dedectadas por muito tempo. Somente após exaustivos experimentos no CERN e o aprimoramento de instrumentos para identificá-la no espaço, o grande físico havia conseguido finalmente encontrá-la confirmando que permeava todo o espaço como uma grande estrutura básica sobre a qual se assentava a matéria comum. Seu tamanho minúsculo era compensado pela quantidade fantástica pela qual se distribuia pelo cosmo.

Por sua vez, a antimatéria que mal passara de uma abstração matemática nos seus primórdios, tornara-se uma realidade. Podia agora ser obtida em quantidade suficiente para, em contato com o seu oposto, produzir energia numa escala maior do que o primitivo sistema de fusão.

Assim esse dois marcos da ciência do século XXI, tinham sido utilizados para propósitos menos humanísticos. Em menos de uma década, os engenheiros trabalhando em várias agências governamentais, timham posto em andamento um projeto que poderia atender a logística de uma operação militar em outro planeta do sistema solar. Ou até de outra estrela.

Por causa dos tratados, a NASA foi então encarregada de assumir publicamente o projeto, mascarando seus objetivos iniciais com tons mais ao gosto do público. E também com o objetivo de dissimulá-lo perante as agências estrangeiras rivais.

Vendendo a ideia de que pela primeira vez, o projeto permitiria ao homem concretizar o velho sonho de singrar os vastos mares interestelares, burlando a imensidão espacial, podia levá-lo adiante sem se constranger diante das outras nações, também sedentas de recursos.

2 – LANÇAMENTO PREMATURO.

A Dra. Katlyn Sommers era jovem demais para os padrões da agência, pelo menos no cargo que sempre fora ocupado por homens. Aos trinta e nove anos, tornara-se a primeira mulher a desempenhar o papel de Diretor de Lançamento, após haver prestado uma série de serviços em outros setores da Agência. Depois de dedicados quinze anos a agência se sentia gratificada por ter vencido a barreira que praticamente excluía as mulheres daquele posto. Não por não estarem à altura do que ele exigia, mas sim por mero preconceito. Mas havia também outra razão para a sua escolha, esta, bem mais sútil. O Diretor anterior não quisera se sujeitar à pressão dos militares por tanto segredo e acabara renunciando ao cargo. Cientes dos efeitos que um eventual fracasso da missão poderia provocar em suas carreiras, os demais pretendentes gentilmente haviam dispensado o convinte para assumirem, deixando a NASA numa situação bastante delicada. A única que aceitara o cargo fora Katlyn, que mesmo sabendo dos riscos, agarrara sem hesitação a chance de exercer um cargo tão importante para a sua própria carreira. Para o Diretor da NASA a escolha atendia a dois interesses. Primeiro que seria uma forma egoísta de se desvencilhar de futuras acusações caso algum fracasso ocorresse. E segundo, que atendia a pressão dos militares para manter a missão como uma mera experiência científica. Uma mulher à frente de tal missão não despertaria, pelo menos no público, a suspeita da NASA estar à frente de um projeto militar. De uma forma ou de outra, em meio a tantos conflitos, Katlyn se sentia satisfeita e segura e sua preocupação agora, ali, no Centro de Controle de Houston, se voltava apenas para que tudo corresse bem nos últimos preparativos para o lançamento da ARES.

O seu assento estava disposto como um trono de um rei ou no caso dela como de uma rainha, de onde derivava tal apelido para todos que ali se sentassem. Ele se destacava dos demais por estar ancorado numa pequena plataforma acima do grande círculo de poltronas que se situavam mais abaixo. Tal posição obedecia mais a questões práticas do que a de uma hierarquia. Não que não pudesse exercer algum poder dentro dos parâmetros de responsabilidade que lhe cabia. A posição na verdade era estratégica e permitia-lhe apenas uma visão geral e mais clara de todos os encarregados dos mais de vinte controles que monitoravam o lançamento.

Telas translúcidas de cada controle projetavam-se ao seu redor, dando-lhe todas as informações necessárias de que precisasse. Coroando estas séries de projeções, acima até mesmo do assento de Katlyn, pairava a imagem holográfica da nave. Por ela era possível se ver de todos os ângulos possíveis, quaisquer detalhes de seus componentes internos ou externos que se fizessem necessários.

Monitorada por uma infinidade de sensores que a circundavam no espaço, os ângulos das imagens se alteravam constamente. À medida que um diagnóstico se fazia necessário, por parte de um dos controladores, seções eram retiradas e ampliadas, como se um enorme bisturi pudesse fatiar a nave holográfica e revirar cada pedacinho em busca de detalhes. Desta forma tais imagens menores se misturavam e se sobrepunham à imagem principal da nave, inúmeras vezes. Na verdade todo aquele aparato era redundante como era hábito da agência. Há uma década a NASA utilizava um sistema integrado de informações, conhecido pela sigla ATENA, que remetia à célebre

e sábia deusa grega, patrona da cidade do mesmo nome. Os engenheiros, objetivando uma maior interação entre máquina e homem, tinham lhe dotado de uma voz feminina suave que se expressava de forma serena e confiante. Sua fala calma tornava o estressante processo de lançamento mais agradável aos ouvidos dos operadores. Ouvir seu monólogo das etapas que iam se sucedendo no cronograma de lançamento era apenas uma concessão dos seus construtores. Sua verdadeira face se concentrava num ritmo mais eficiente e silencioso de execução de milhares de operações por segundo, oriundas de centenas de sensores instalados em todos os dispositivos de terra e de espaço que compreendiam o complexo de lançamento. Algo impossível de ser acompanhado e absorvido rapidamente pelo cérebro humano.

Como outra concessão aos homens, ATENA então desacelerava a enxurrada de informações que percorriam seus processadores à velocidade da luz, numa corrente mais lenta de dados. Estes fluiam para dezena de telas translúcidas a fim de serem captados por olhos e cérebros orgânicos.

Apesar de sua composição etérea, tais telas compunham-se de pequenos campos elétricos que à medida que sofriam a pressão de dedos humanos, ávidos por informações, pulsavam em quadriculados multicoloridos, refletindo-se nas faces de homens e mulheres dispostos à frente de cada um.

Diante daqueles rostos banhados por essa miscelânia de cores, num fluxo sempre mais lento para padrões humanos, a contagem regressiva na parte superior de cada tela indicava T-4. Um código que indicava o estágio avançado do processo de lançamento.

A NASA sempre utilizara um sistema duplo de controle, pois caso houvesse alguma falha na cadeia de dispositivos, cada setor poderia mutuamente se auxiliar, impedindo que ele se rompesse. Para olhos destreinados aquele fluxo de informações que ia e voltava ao tronco principal, procedendo dos mais variados dispositivos terrestres e espaciais, de checagens constantes de dezenas de operadores, se apresentava como um verdadeiro caos.

A temperatura de 20 graus centígrados mantida no interior do Centro de Lançamento para obter o maior desempenho possível de todo o equipamento era uma benção. Os efeitos do aquecimento global, apesar de já estar sendo combatido, ainda perdurariam por muitos anos. Via-se a consequência disso no rosto de cada um que retornava ao Centro de Lançamento, suado e desconfortável por causa de um ambiente externo que, mesmo utilizando vestimentas apropriadas para aquela estação do ano, não amenizava a sensação de calor. Aquele ar refrigerado permitia a fuga momentânea desta situação. Mesmo assim, conforme o rigor da lei em vigor, este luxo não poderia perdurar além do necessário. Isto para evitar o fato óbvio de que o calor expulsado daquela sala aumentaria um pouco mais, a já desagradável temperatura externa.

O contato com a nave era incessante e ouvia-se frequentemente a troca de informações e pedidos de instruções entre os tripulantes e os encarregados das dezenas de controles. Tais conversas eram acompanhadas pelas imagens holográficas deste ou daquele controle, conforme determinado detalhe da nave era solicitado. E à medida que o momento crucial se aproximava, o tráfego de imagens se multiplicava de tal modo, que era dificil

para um leigo entender o que aquelas centenas de imagens embaralhadas significavam. Nada que ATENA não pudesse coordenar de forma a torná-las compreensíveis para os operadores que as haviam solicitado.

- Houston. Aqui é a ARES X-1. V087 solicitando permissão para seguir próxima etapa do lançamento.

- Houston para ARES. Aqui ATENA. Iniciando contagem para acionamento dos pulsores primários. Cinco... Quatro... Três... Dois... Um... Zero...

- Sequenciamento iniciado. Contagem agora em T-3. – Confirmou a inteligência artificial que processava o fluxo constante de informações que recebia das míriades de sensores espalhados por todo o complexo de lançamento.

Àquela altura todos os parâmetros estabelecidos tinham sido examinados e reexaminados para evitar alguma falha. A passagem de T-4 para T-3 indicava que uma das etapas fora vencida e se passava para a seguinte, após a realização das pequenas correções sempre necessárias. Mas em se tratando de obras idealizadas pela mente humana, sempre havia o temor de um fator não levado em conta, e que muitas vezes, poderia representar a diferença entre o sucesso e o fracasso de um empreendimento daquele porte. Aquele detalhe, perdido em meio a tantos outros que não fora lembrado, ou até, esquecido. E assim, acreditando que todos os parâmetros até àquela altura haviam sido atingidos a Dra. Katlyn deu a última palavra confirmando o prosseguimento das operações.

A fase T-4 assim que começou, logo despertou a fascinação de todos os presentes no Centro de Lançamento. As imagens na medida em que chegavam, permitiam a visão de fenômenos até então vistos apenas por poucos olhos nos testes de laboratório. Pela primeira vez na história, um grupo seleto de homens e mulheres podia testemunhar um feito gigantesco. Como mariposas atraídas pela luz de uma noite de verão, os olhares estavam presos àquele brilho iridescente que se originava dos pulsores. Em milésimos de segundos aquele plasma amorfo transformou-se em quatro feixes luminosos que se projetaram à frente de toda a estrutura triangular, confundindo-se num único ponto focal. A princípio nada aconteceu. Mas isto não durou muito tempo. Apesar de no espaço não haver a propagação do som, todos se espantaram ao receberam um fraco sinal de áudio semelhante ao de uma locomotiva se aproximando de uma estação. Mas isto foi apenas o prelúdio para o que viria depois. O espaço onde os feixes se focavam começou a girar e o tecido rodopiante começou a se afunilar revelando uma passagem. Os sensores tanto em terra como no interior da nave repentinamente foram inundados por uma avalanche de dados, alguns desconhecidos, provenientes do primeiro buraco artificial no espaço, criado pelo homem.

- ARES. Aqui Houston. – disse ATENA, ela mesma sendo exigida ao máximo para absorver a miríade de dados que os sensores despejavam em seus processadores. Cumprindo sua função de monitorá-lo tão rápido quanto podia, seus cálculos eram vertidos numa forma mais prosaica para seus criadores entenderem o que ocorria. - Fenda espacial estabilizando-se. Preparar-se para ativação dos pulsores laterais em cinco segundos.

- Houston. Aqui ARES. Aguardando final da contagem regressiva para acionar pulsores secundários. - Cumprindo por sua vez a programação inserida em seus neuroprocessadores, as unidades VERBERs dentro da nave prosseguiram com a operação acionando os pulsores laterais da ARES que manteriam a fenda estável à medida que progredissem por ela. - Em cinco... Quatro... Três... Dois... Um... Pulsores ativados.

Finos feixes de partículas energizadas partiram dos pulsores laterais da nave. Como planejado, o fluxo de wimps provenientes da ARES auxiliou na abertura do túnel. Assim que a penetração se efetivasse os pulsores primários seriam desativados e os pulsores secundários continuariam sua tarefa de mantê-lo estável, evitando que as forças gravitacionais de suas paredes esmagassem a nave.

- ARES. – Disse ATENA. – Preparar-se para mudança de fase para T-2, ao sinal da Diretora de Lançamento. Ativando retrofoguetes estruturais para manutenção das coordenadas previamente estabelecidas.

Ao ouvirem a I.A. todos estavam cientes de que o lançamento tinha atingido um ponto crítico. O rompimento do tecido espacial começaria a exercer sua força gravitacional e todo o esforço dos retrofoguetes instalados com esse propósito, seria necessário para manter a grande jaula espacial na posição correta.

- Sinal de liberação concedido, - completou ATENA. - Ativar motores de empuxo e retrofoguetes de compensação. Seguir contagem regressiva. Cinco... Quatro... Dois... Um... Ativar.

A ARES disparou seus quatros foguetes que lhe forneceriam um impulso constante à medida que atravessasse a fenda. Ao mesmo tempo seis retrofoguetes compensariam o impuxo, até que as travas fossem liberadas e ela deixasse a jaula.

- Houston. Motores retro e de impulso equalizados. – Respondeu V087, que comandava a tripulação de VERBERs. - Recebendo sinais de que as travas dianteiras de segurança continuam ativadas.

As travas na ponta da enorme estrutura triangular onde estava inserido o nariz da nave era a única barreira que a impedia de ser impulsionada para o interior da fenda que se formara e que se mantinha aberta pelos múltiplos feixes de partículas.

Enquanto a atenção de todos se voltavam para o momento em que a ARES completaria a última fase de lançamento, livrando-se da barreira que a segurava, ouviram-se o pipocar de tiros e gritos. Com as faces transfiguradas, imediatamente os controladores deixaram de se concentrar em seus painéis para localizar o ponto de onde partira o tumulto. A maioria se horrorizou quando viu um dos guardas de segurança sendo empurrado para frente, seguro por um dos braços, por uma figura aparentemente desconhecida que segurava a ponta de uma arma no meio de suas costas. Como aquele estranho conseguira passar pelas portas lacradas e pelos seguranças? As chances de isto acontecer eram quase nulas. Seria um terrorista ou parte de um ataque maior?

A Dra. Katlyn também fora pega de surpresa pelo inesperado acontecimento. Estava de espírito preparado para eventuais falhas no lançamento. Mas não daquele tipo que presenciava. Naquele instante veio-lhe à mente a situação global onde a escassez crescente de recursos originara uma série de movimentos políticos. Alguns deles radicais. Ela sabia que nem todos representavam perigo, mas em meio a uma sociedade segmentada, repleta das mais diversas convicções, alguns extremistas não titubeariam em sacrificar seus membros para atingir seus objetivos nem sempre tão claros. Mas como tinham tido conhecimento do lançamento? A NASA evitara a todo custo uma cobertura ampla da mídia. Para o público era apenas um experimento secundário a ser realizado no espaço.

Logo outros guardas acorreram na direção dos dois com as armas apontadas para o captor.

– Larguem as armas. – disse ele resoluto. - Se atirarem, mato este primeiro. Larguem as armas. – E continuou virando o rosto para todos os lados, enquanto empurrava o refém. – Preciso falar com a Dra. Katlyn. Dra. Katlyn Sommers. Está me ouvindo, doutora? Mostre-se.

Era evidente que a situação estava num impasse e que as coisas logo se complicariam. A Dra. Katlyn viu que a melhor maneira de salvar a vida do guarda seria ganhar tempo, até que descobrissem um jeito de desarmar o homem armado. Pensando deste modo, ela fez um gesto para os seguranças para que não tentassem nada até que ele dissesse o que tinha para dizer. Assim, pelo menos, ganharia sua atenção e talvez pudesse libertar o refém. Era um passo arriscado e de certa forma muito corajoso. Naquela situação tensa, por não saber exatamente quais eram

suas intenções, qualquer deslize poderia acarretar um fim imprevisto. O homem poderia ser simplesmente um suicida que só poria cabo à vida, após completar o que viera fazer.

Ela fez mais um sinal para que os demais guardas se afastassem, o que o deixou mais confiante sem, no entanto, deixar de usar o refém como escudo.

- Eu sou a Dra. Sommers. Qual a razão desta violência?

O homem virou-se na direção dela, segurando com força o guarda que tentava se esquivar de seu abraço. – Dra. Katlyn? Ah! Como vai? Ainda bem que apareceu.

Ela calmamente levantou os braços e sem muita pressa caminhou na sua direção. – Sim. Já nos conhecemos? O que quer?

- Sei que não vai acreditar em mim, doutora, mas sim, nos conhecemos. Mas este detalhe é irrelevante. É preciso que me escute atentamente. Você tem que lançar a ARES agora. A partida dela tem que se dar numa janela bem pequena. Para que nada passe do outro lado. Nosso mundo corre perigo se o túnel ficar muito tempo aberto.

Todos os que conseguiam ouvi-lo estavam com a respiração suspensa, enquanto acompanhavam o tenso diálogo, sem entender muito bem a quê ele se referia. Qualquer movimento brusco poderia fazer com que os guardas disparassem, matando não só o companheiro, como também a doutora.

- Desculpe-me? – disse ela, calmamente. – Não entendi? O que virá do outro lado? Pode me dar maiores detalhes?

- Doutora, a senhora tem que acelerar este lançamento. Eu fui... Eu, eu tomei a decisão de vir... De um lugar... Quero dizer isto aqui ainda não aconteceu... Eu...

- Sim?

- Se não fizer o lançamento logo, o mundo como o conhece, corre o perigo de deixar de existir.

- Mas como posso fazer isso, sem que me dê alguma prova do que está falando?

- Não! Não! Eu tenho pouco tempo...! É o que virá do outro lado! Precisa impedir isso?

- Do outro extremo do túnel? Ali só há o planeta Marte. Mais nada!

- Não é tão simples assim. Existem coisas que não conhecemos. Formas de vida que vão se aproveitar do túnel. Acredite no que estou dizendo. Por favor, lance a ARES. A energia necessária está sendo canalizada através do tempo. Aproveite antes que ela cesse. Tem tudo que precisa para lançá-la sem que nada aconteça.

- Olhe? Está tudo bem. Deixe a arma e liberte o guarda. Prometo que não farei nada até ouvir o que tem para me dizer. Mas primeiro solte o guarda.

- Não posso, Doutora. É a minha única garantia de que me ouvirá.

- Ok então. Façamos um acordo. Eu vou até ai e troco de lugar com ele. Aceita?

- Não, Doutora. A senhora não está entendendo. Não sou um terrorista. Não quero matar ninguém. Só lhe peço que lance a ARES agora! Agora! – O homem parecia desesperado pela ineficiência de seu ato. Berrou e disparou para o alto várias vêzes, causando pânico geral. – Eu disse agora!

Katlyn começou a imaginar se tinha tomado a decisão correta. Por instinto se abaixara durante os disparos. Assim que os estampidos cessaram, ela procurou se recompor do susto e engoliu seco. - Não posso fazer isso sem seguir o cronograma. Os feixes precisam se equalizar. E os motores precisam atingir o grau certo de aceleração. Se não fizermos isso, o lançamento poderá ser comprometido.

- Sinto muito, Doutora. Vejo que a senhora não tem a menor ideia do que acontecerá. Terei que fazer isso sozinho.

- Seja o que for que venha a fazer, não faça nenhuma bobagem.

Mas o homem estava decidido a fazer o que viera a fazer e não se deixou levar pela estratégia da doutora. Assim, gritou mais uma vez.

- Sei que abriram uma fenda no espaço. Mostre-me o controle que faz isso.

Katlyn sabia que estava pisando em terreno perigoso. – Eu... Eu não sei do que está falando. Se me disser o que pretende, talvez possa ajudá-lo sem que ninguém saia ferido.

Ele esboçou um sorriso e depois gritou para ela. – Não insulte minha inteligência. Você não faz ideia de metade do que sei. Mostre-me logo este controle. - E apertou ainda mais a garganta do refém.

Katlyn fez outro sinal de consentimento. Ela precisava ganhar tempo e descobrir um jeito de desarmar o homem.

Um dos técnicos apontou a direção para onde o captor queria ir. Ele começou febrilmente a passar pela fileira de telas e a cada uma apontava a arma para o operador que se afastava com as mãos para cima.

- É este. Parece ser este. – disse para si mesmo.

Assim que se viu diante do que procurava apontou a arma para a cabeça do técnico.

- Saia! Rápido.

Ainda segurando o guarda, olhou para a tela translúcida que monitorava todo o processo da produção de partículas, fluxo de antimatéria e toda particularidade que envolvia o delicado manuseio dos quatro pratos primários. Joshua não era um leigo e bastou uma rápida olhada para entender o que aqueles símbolos significavam.

- Creio que seja mesmo este que controla a abertura do túnel. Se meus cálculos estão corretos vou alimentar a tela com uma pequena carga concentrada de luz, obrigando a seguir meu comando... – disse a si mesmo.

Katlyn aproveitou aquele instante em que o invasor se concentrava mais no que pretendia fazer, para ordenar à segurança que agarrasse o homem assim que ele se distraísse mais um pouco.

Mas antes que os seguranças pudessem se aproximar ele retirou da cintura o laser portátil. Para poder apontá-lo na tela ele arremessou o guarda cativo o mais longe que podia, imaginando que poucos segundos seriam suficientes para obter o que desejava do controle. Foi a deixa para os guardas. E foi também quando as coisas começaram a se atropelar.

Quando ele os viu correndo na sua direção, chegou a esboçar uma reação elevando o braço que segurava a arma. Talvez fosse só uma ameaça. Mas um dos seguranças precipitou-se e atirou, seguido pelos demais. Antes não o tivessem feito. Ao receber as balas, os impactos fizeram o corpo de Joshua inclinar-se para um dos lados. A torsão refletiu-se na mão que segurava o laser portátil disparando-o na direção da tela translúcida dos pulsores primários. Horrorizados os técnicos nada puderam fazer, enquanto a tela translúcida desaparecia numa míriade de pequenos pontos. Mesmo o sistema duplo sob a tutela de ATENA não poderia em tão pouco tempo recuperar o controle sobre os feixes, que necessitavam de uma calibragem constante. Mesmo que ela assumisse a avaria poderia se expandir exponencialmente a partir daqueles poucos segundos sem controle algum.

E o que aconteceu em seguida não poderia ser de outra maneira. Um sinal intermitente de alerta, grave, se fez ouvir acompanhado pelas palavras de ATENA. – Alerta! Alerta! Pulsores primários sem controle de pulso. Repito. Sem controle de pulso.

- Status da situação, ATENA. Pode desligá-los? – perguntou uma serena Katlyn.

Mas a serenidade deu lugar à surpresa e depois a angustia quando recebeu uma resposta que não pretendia ouvir.

- Negativo. Estação de recepção e transmissão do gerador de antimatéria inutilizado por pulso eletromagnético. Sensores secundários ainda sob o comando. Estou tentando uma rota alternativa de sinais para desativá-lo, mas a estação não responde.

- Continue tentando, ATENA. Faça o que for necessário para restabelecer o controle.

Depois da ordem, a Dra. Katlyn completou o restante do caminho que a separava do homem caído. Agachou-se ao lado dele sem se preocupar muito com sua própria segurança e lamentando a ordem que dera. Procurou apoiá-lo em seu colo, sem se perturbar com a poça de sangue que se formara abaixo dele. Os guardas, mais cautelosos, se aproximaram com as armas em punho e só depois de constatar sua imobilidade, chutaram o seu revólver para longe.

– Chamem uma ambulância. – ela gritou.

O estranho estava bastante ferido e respirava com dificuldade. Ela encostou seu ouvido em seus lábios tremulantes para ouvi-lo melhor – Por que fez isto? Qual a razão de tudo isto? Você está sozinho ou representa algum movimento?

Com sangue saindo pelo canto dos lábios ele balbuciou suas últimas palavras. – O túnel... O túnel... Já... Já fechou? A nave... Conseguiu... Passar?

Ela apenas o olhou sem entender o real significado das frases balbuciantes.

- Sim... Mas não sei se foi do jeito como queria...

Ele puxou o suéter de Sommers, como um apoio para aproximar-se mais dela. - Espero... Espero ter impedido...

- Impedido o quê?

- Não o lançamento. Ele... Ele tinha que acontecer. Duas coisas... Muito complicado para explicar. A coisa... Espero ter impedido... Foi a... A única saída... Que imaginei. Devia ter prestado... Mais atenção ao que falou... Quando nos encontramos...

- Já nos conhecemos mesmo? Quando...?

- É... É complicado. Para você... Ainda não aconteceu... Eu... Ah...

Ela inclinou-se, colocando o ouvido próximo de seus lábios, numa desesperada tentativa de ouvir mais alguma coisa. Ele se

esforçou, mas não conseguiu emitir mais qualquer som a não ser exalar o último suspiro. O homem, como uma máquina que subitamente se vê privada de energia estancou, com os olhos fixos em algum ponto. Ela os fechou e gentilmente abaixou sua cabeça. Depois se levantou devagar, com o semblante perplexo com o que ouvira. Tudo o que ele dissera não fazia o menor sentido.

- O que foi que ele disse? – perguntou um dos guardas.

- Nada. Nada que eu pudesse entender. – respondeu. Mas ela tinha agora outros problemas mais urgentes. Não poderia fazer mais nada pelo homem estendido no chão. Teria que abortar o lançamento ou fazer o possível para que se concretizasse. Havia muita coisa em jogo. Mas as palavras que dissera, não paravam de martelar sua mente. Quem era afinal este homem que nunca conhecera e que dizia ter vindo por ela?

- ATENA, qual a situação? Encontrou um meio de enviar sinais para interromper o fluxo de partículas dos pulsores primários?

Numa voz modulada sem sinal de qualquer emoção, a inteligência respondeu.

- Negativo, Doutora. A estação está desabilitada. O fluxo de wimps está em progressão exponencial de newtons. O campo de Higgs está em fase de transição... A estrutura começa a sofrer ação gravitacional. Recomendo a ARES desligar os pulsores secundários e acionar retrofoguetes para compensar...

- Implemente, ATENA. – disse a Doutora, pensando numa forma de abortar o lançamento. – Como estão as travas?

- Pretendente liberá-las, Doutora? – Perguntou ATENA.

- Não. Ainda não. Só ser for em último caso. Como elas estão?

- Estão estáveis. Mas está começando a sofrer efeitos do campo gravitacional da fenda.

A Doutora sabia exatamente o que isso significava. Quando as telas foram destruídas, o fluxo fugira ao cuidadoso planejamento de liberá-lo de forma contínua e gradativa. Sem poder desligar os pratos, até que os sistemas automáticos de segurança fossem ativados, o excesso de partículas dobrava mais e mais o espaço a cada instante, e a única coisa que ainda segurava a nave eram as travas de segurança. E até quando poderia contar com elas? Por precaução, e isto talvez fosse até uma falha, elas só poderiam ser desativadas do Centro de Lançamento. Era o seu último trunfo para impedir qualquer dano a ARES.

- Doutora. Meus cálculos indicam que haverá uma sobrecarga dos motores da nave, antes dos dispositivos de segurança ser acionados.

- Pode estimar um prazo, ATENA?

Katlyn estava com mais um problema. No caso do funil espacial continuar atraindo todo o complexo da doca, se as travas não fossem ejetadas poderia ocorrer uma sobrecarga do gerador de antimatéria da nave. Era quase certo que o campo de contenção eletromagnético não aguentaria por muito tempo esta

exigência inesperada. Não fora projetado para isso. E se o campo caísse...

- Sim, Doutora. O campo de contenção da ARES entrará em colapso em exatos dois minutos e vinte e três segundos e dois décimos de segundo.

- Computar quanto tempo para o sistema de segurança dos pulsores primários entrar em ação automática.

- Quatro minutos, doze segundos e quinze décimos de segundos. Tempo insuficiente para impedir o colapso do gerador da ARES.

Katlyn deixou-se cair no assento, mortificada pelas informações de ATENA. Uma catástrofe começava a tomar forma. Ela tinha que tomar uma decisão rapidamente. Lentamente olhou para todo o Centro e para o corpo do homem morto que estava sendo retirado, sentindo-se totalmente impotente. Anos de planejamento não podiam terminar daquela forma. O estrago que aquele homem causara. Como conseguira passar por toda a segurança? Como sabia do projeto?

Enquanto os técnicos ainda tentavam encontrar um meio de desativar os quatros grandes pratos através das estações secundárias espalhadas pela própria estrutura e mesmo por satélites próximos, Paul Trestky que monitorava o comportamento da fenda espacial foi o primeiro a perceber algo novo, surgindo em sua tela translúcida. Primeiro com uma débil ondulação do espaço. Depois como se ele se rompesse, deixando atravessar fótons energizados.

– Doutora. Está se formando uma irrupção de energia dentro do túnel.

Todos se viraram para as imagens suspensas observando estupefato um ponto de luz tornar-se cada vez mais intenso dentro do túnel.

- Trestky, defina a estrutura. – disse a Doutora Katlyn para seu auxiliar. – De onde está vindo? É um efeito colateral de excesso de partículas?

- Não estou bem certo, doutora. – disse ele. – Pode ser um efeito colateral. O excesso de partículas pode estar vazando do outro extremo do túnel. Criando uma segunda abertura não computada. Seja o que for, parece ter existência própria.

- ATENA. O que é isso? Pode descrever?

- Fonte primária de energia. Ruptura espaço-temporal. Origem desconhecida, Doutora.

Não havia mais o que esperar. Talvez o estranho estivesse certo. – ATENA, mande uma mensagem para a ARES para os VERBERs ativarem as cápsulas de fuga e se aprontarem para sair. Se não conseguirmos interromper o fluxo agora, pelas vias secundárias o motor deles explodirá, antes que o sistema principal de segurança entre em ação.

- ARES, aqui ATENA. Abortar fase T-1. Deixar motores em retropolpusão máxima no automático. Informar Status do ATM. Desligar pulsores secundários. Dirigir-se para cápsulas de fuga.

- Houston. Aqui é VINCI 138, no controle do ATM. Campo de contenção começando a sobrecarregar. Peço confirmar saída.

- ARES, condição vermelha para pulsores secundários. Repito. Condição vermelha. Deixar no automático motores em retrocesso máximo. Abandonar nave. – disse a Doutora Katlyn atropelando ATENA.

Todas as naves que patrulhavam próximas dos limites estabelecidos sob o pretexto de uma zona de segurança, para evitar um possível desastre, que agora corria o risco de acontecer, foram autorizadas a afastar qualquer veículo estranho num raio maior do que havia sido originalmente planejado. Apesar de procurar manter o lançamento como um experimento científico confidencial, a Agência não pudera evitar as naves espiãs. Era hábito entre as nações da Terra a prática da espionagem de cada experimento que cada uma fazia, tanto em terra como no espaço, por meio de aparelhagem de longo alcance. Para evitar isso, as naves não só da NASA, como das outras agências procuravam, cada qual, bloquear com campos eletromagnéticos quaisquer sondagens invasoras, mas as aparelhagens cada vez mais sofisticadas que dispunham, permitiam ultrapassar tais barreiras. Desta forma, mesmo fora da zona de restrição, conseguiam captar boa parte das informações sigilosas. Mesmo sabendo disso a NASA naquele momento não tinha alternativa a não ser a de ampliar o perímetro para evitar incidentes internacionais, caso uma das naves espiãs fossem atingidas.

Há tempos as agências espaciais competiam para terem a primazia deste novo sistema de propulsão de antimatéria que revolucionaria as viagens espaciais. E por mais que se procurasse

manter os projetos em segredo um dos outros, o mundo era pequeno demais para que um lado não acompanhasse o sucesso e os eventuais fracassos do outro. E naquele dia não seria diferente.

Os três tripulantes artificiais a bordo estavam cientes, pela sua programação sofisticada de que tinham papel de peso na empreitada inusitada. Seus cérebros, um misto de componentes biológicos e nanosensores eletrônicos conseguiam apreender as sensações externas, com a mesma sutileza das mentes de seus criadores. Não agiam como meras peças mecânicas, mas como seres pensantes, dotados de raciocínio suficiente para tomarem decisões por si próprias. Tais entidades possuíam uma capacidade tão grande de inteligência que muitos alegavam possuirem algo vagamente parecido ao que o homem classificaria como alma. Por isso eram instrumentos valiosos que não podiam ser desperdiçados.

ATENA diante do quadro cada vez mais grave e dotada de uma capacidade de processamento fenomenal antecipou-se ao quadro de desastre que começava a delinear-se. Tomando para si a iniciativa, e passando pelos controladores em terra, contatou o protótipo.

- ARES, aqui é ATENA. Os monitores indicam sobrecarga crescente do gerador da nave. Atração gravitacional aumentando. Travas ainda intacta. Simulações indicam que o colapso do campo ocorrerá em um minuto e vinte e três segundos. Deixar nave imediatamente. Repito: deixar nave imediatamente.

ATENA, objetivando encontrar uma solução que salvasse a nave antes do colapso do campo de contenção deu menos atenção à comunicação verbal e passou a se concentrar à sua

maneira calculando sem parar todas as variáveis possíveis. Sem se preocupar com isso os tècnicos só podiam ver o desempenho da I.A. através das equações infindáveis que chegavam às suas telas, impossíveis de serem assimiladas rapidamente pelo cérebro humano.

- ATENA. – perguntou a Doutora Sommers. – Consegue receber mais informações do interior do túnel quanto à anomalia?

- Dados insuficientes para uma clara identificação, Doutora. Há muita interferência provocada pela irradiação. A fonte de irrupção parece estar sofrendo flutuações.

A Dra. Katlyn tinha agora muitos problemas para enfrentar e precisava tomar uma decisão crucial. Pensara em abortar o lançamento. Se o fizesse, corria o risco de ser acusada de ter assumido um cargo que não estava à altura de sua experiência. Mas nem isso a preocupava mais. Teria que se decidir pelo oposto já que em pouco tempo não haveria uma nave para lançar. Além dos pratos côncavos que regurgitavam descontroladamente sua carga de wimps, dobrando cada vez mais o espaço à frente da ARES, o protótipo corria o risco de explodir destruindo os precioso VERBERs a bordo. Juntava-se a isso uma anomalia que se materializara dentro da fenda aberta. Era sobre isso que o estranho viera alertá-la? A tal coisa?

Em condições normais de lançamento o feixe seria mantido com carga suficiente para estabilizar a abertura do túnel. Na verdade não era exatamente o impulso dos motores de antimatéria que empurrariam a nave para dentro da fenda, mesmo que atingisse 100 % de capacidade, mas sim a própria relatividade do espaço. Vista de outra perspectiva a ARES estava